

ABAIXO A CENSURA. VIVA A BLINDAGEM

Marcus Cortez

“Ou a cultura acaba com o patrulhamento ideológico ou o patrulhamento acaba com a cultura.”

“Para quê a censura se a blindagem é abstrata.”

“Blinde seu carro, não a sua alma.”

Vou escrever essas frases nos muros do Recife. Farei assim uma imitação barata dos clássicos do gênero: o povo francês. Os franceses escreveram os melhores muros da história:

“Prenons la révolution au sérieux mais ne nous prenons pas au sérieux.”

“Bientôt de charmantes ruines.”

“Le sexe de La nuit souri à l’œil unanime de la révolution.”

Mas deixando de lado essa brincadeira introdutória, vou adiantar o que pretendo dizer nesse vigilante texto. A blindagem à informação está comendo os miolos da inteligência brasileira. O intelectual que filtrou uma informação

pertinente e deseja reparti-la com a sociedade pode tirar o cavalinho da chuva que vai ficar latindo para a lua. A caravana parou e pelo andar da carruagem, a coroa será poupada, pelo menos, por enquanto. O deserto se agiganta. A pasmaceira se espalha nos oceânicos afluentes do besteiro. O patrulhamento sobre a informação, em seu estilo platinado, segue firme e forte adubando a indigência mental. Vamos aos fatos.

Eu, vigilante desde a mais tenra idade, venho tentando divulgar uma informação que carrego do tempo da minha prisão no Dops da Duque de Caxias e na Operação Bandeirantes da Tutóia, em São Paulo, no ano de 1968. Era voz corrente entre os presos políticos que a Rede Globo de Televisão cedia seus estúdios do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, para que fossem gravados os vídeos-teipes da garotada dizendo que errara ao aderir ao terrorismo e que, arrependidos, acreditavam agora na Revolução de 1964, no Brasil Grande, no Milagre Econômico, etc etc...Os meninos chegavam mais mortos do que vivos, geralmente encapuzados, sendo que suas máscaras só eram retiradas quando eles já estavam de frente para as câmeras e dos responsáveis pela produção, principalmente da equipe de maquiadores. Os teipes em forma de anúncios tinham de trinta a sessenta segundos e entravam no ar, às vezes, no mesmo dia da gravação. Portanto, eles deviam ser aprovados na ilha de edição. Eram veiculados em todo o território nacional, as emissoras de rádio e televisão ofereciam seu espaço gratuitamente.

Quem acoberta a tortura, torturador é. A denúncia é grave e, certamente, oportuna nesses tempos de Comissão da Verdade.

Não sou cachorro agressivo, não mordo e não dou coices. São sessenta e oito anos de murro em ponta de faca, mas se uma coisa me doeu nos cascos foi a patrulhada cometida contra a revista da Biblioteca Nacional. A revista furou a blindagem em torno de um determinado livro que questiona o processo de privatização ocorrido no Brasil. O livro de autoria de um jornalista vencedor de dois prêmios Esso é objeto do mais escandaloso silêncio já visto no país. Pois bem, a citada revista publicou uma resenha sobre a maldita obra. Caros leitores, o bafafá foi federá, a represália dos incomodados beirou ao patético. Resultado: o editor pediu o boné, não sei quem do conselho editorial foi mandado embora porque o assunto privatização está proibido. Lançado no começo desse ano, o livro continua na lista dos dez mais vendidos. Essa lista é elaborada e publicada semanalmente por aquele jornal (estado de São Paulo) do qual tive a honra de andar nos carros que o próprio emprestava aos torturadores de São Paulo, financiados pela fina nata das multinacionais e do empresariado nacional, conforme denúncia feita no meu livro "O Golpe na

Alma”. Muito bem, esse veículo de comunicação amiguinho dos torturadores nunca procurou o jornalista autor do livro para entrevistá-lo, nunca discutiu o conteúdo da obra com seus leitores e do alto de sua ariana superioridade, permanece fazendo cara de paisagem.

Falando sério, se eu tivesse vinte anos e estudasse jornalismo, faria uma pesquisa sobre como atua a blindagem regionalmente. Tenho até um título para a obra: o impossível acontece. Talvez abrisse a tese com o caso de certo político mineiro que foi parado por uma blitz de trânsito se recusou a fazer o teste de bafômetro porque estaria embriagado, além de dirigir com a carteira vencida. A notícia teve um relativo destaque na televisão e em alguns jornais de circulação nacional. Porém, na santa terrinha do emérito congressista, reinou o nada consta reafirmando aquela história de que em Minas, o silêncio é de ouro. Em São Paulo, a blindagem funciona maravilhosamente no que diz respeito à segurança pública. O rapaz que quebrou a lâmpada no rosto de outro rapaz em frente ao Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, teve a prisão decretada pela Justiça, mas a Polícia não o pegou. O jovem foragido, segundo fontes confiáveis, tem um dinheirinho e se o banqueiro Daniel Mendes está solto, por que ele que surra “viado” vai em cana? Há também uma blindagem poderosa em torno da fuga de dois do bando de sequestradores daquele badalado publicitudo. Essa misteriosa fuga é segredo nacional.

Na nossa diletta Recife há uma informação que não se divulga de jeito nenhum, onde já se viu desrespeitar o principal ícone da cultura pernambucana, o Duque de Apipucos, o Dr. Gilberto? Nunca vi nada em nossa imprensa que Gilberto Freyre, com y, é o autor da letra do Hino da Arena, o partido político da Ditadura Militar. Nosso Duque amava a Gloriosa. Na criação da letra, ele soltou todo o seu fervor golpista. Acho que essa informação não devia ser omitida porque, por exemplo, o Dr. Giba em termos culturais estava anos na frente de muitos jovens militantes xiitas. Há um depoimento do autor de “Casa Grande e Senzala” em um documentário para televisão sobre a sua experiência com a maconha que é surpreendente. O Duque, podes crer, era mucho loco...

Desconfio que estou me excedendo nas galhofas. Então vou falar de um assunto pertinente. Para variar a nossa imprensa está comendo mosca. No máximo, uma notinha sem vergonha sobre a única coisa nova que apareceu nos últimos tempos em nosso país tropical. Estou me referindo ao esculacho. O esculacho nasceu entre a moçadinha de Santa Cruz, interior do Rio Grande do Sul, a galera grudou para valer nas redes sociais plantando a semente de que todos devem participar do passado recente do nosso país protestando contra a tortura e os torturadores. Sem concessões, o negócio é chegar no pé do ouvido

dos verdugos e dizer que eles praticam a tortura, crime hediondo. Ah, se eu tivesse trinta segundinhos no horário nobre da Rede Bobo, meu cara orixá de estimação, você precisa ver o estrago que esse vovô faria abordando esse assunto. Não precisava nem muita verba de produção, uma câmera na mão e uma ideia na cabeça...

Perdão pelo estilo grotesco, mas a blindagem ao livre pensar me deixa mais cego que já sou habitualmente. Há cinquenta anos atrás, quando tinha dezoito primaveras e colaborava na Estudos Universitários, número dois, três e quatro, sentia orgulho de escrever na revista que aborrecia a esquerda sectária e a direita raivosa. A gente descia o cacete no realismo socialista, no autoritarismo stalinista, mas também não alisava para cima dos exploradores do povo, dos mesquinhos acumuladores de riquezas, dos especuladores do capitalismo selvagem. O saldo foi positivo. Hoje somos vanguarda. Nosso único compromisso continua sendo com o livre pensar e o livre criar.